

D R A M A

INTITULADO
O CERTAMEN
DAS TRES DEOZAS.

P E S S O A S.

Venus.

Paris , pastor.

Juno.

Applauzo.

Pallas.

Regozijo , pescador , gracioso.

Coro de Ninfas.

Coro de Céréas.

A Scena se representa naquella parte da Frigia, junto ao monte Ida, que se lança para o mar.

P A R T E I.

S C E N A I.

Prespectiva de monte, sobre que apparecerá a Deoza Juno em o seu Carro tirado de Pavões, e vindo descendo apparece a jornada magestozamente. Virá com acompanhamento de Ninfas, que cantão o seguinte Coro. Em lado do Theatro haverá hum reconcavo, em que estarão re-des, e outros petrechos de pescador, e dentro Regozijo dormindo, que acordará ao estrondo do

C O R O.

A Deosa mais bella
Será preferida,
A fera discordia
Será destruida.
Do vosso poder.

A

Sabe

Sabe Juno , e Regozijo , que está dormindo , acorda depois de dito o Coro.

Jun. **Q**UE estranha competencia
Soffre a minha immortal magnificencia!
Que Deoza se persuade,
Que me póde igualar na divindade!

Eu sou a Deoza Juno,
Que espirito infeliz, genio opportuno,
Procura avassallarme?
A Discordia cruel quer fugeitarme?
Se entre as Deozas lançou na sacra meza
A maçã d'ouro para a mais fermoza,
Hade exporfe das Deozas a grandeza,
A huma cega paixão contencioza?
Mas que digo? quem ferme igual prezume?
Que belleza ha maior, que maior Nume,
Que à contenda se exponha?
Venus, Pallas? Comigo não se opponha;
Vencerme detremina?
Não sabe, que sem elle, Europa, e Egina
Foraõ de minhas furias
Lamentaveis despojos; quaes injurias
Por mim soffrerá Jove,
Que o meu Imperio o ar, e a terra move?
Já do trifulco raio
Sinta Pallas terror, Venus desfmaio,
Quando nesta contenda
Huma se haja de oppor, outra me offenda,
Se se occulta em hum pomo
A Discordia cruel, a Paris tomo
Por Juiz competente;
Elle decidirá como prudente,
A quem o pomo toca.

Reg. Vossê não calará essa boca,
Deixa dormir quem dorme,
Pois Venus he gentil, vossê enorme.

Cantaõ as Ninfas o Coro , sabe-lhe ao encontro Regozijo , e querendo seguitas , Juno o embaraça , e ellas se retirãõ.

A Deoza mais bella	Será destruida	
Será preferida ,	Do voffo poder.	<i>Vãõ se.</i>
A fêra Discordia		

Reg. Esperai , raparigas ,
Ora cantai se quer mais tres cantigas.

Jun. Quem es tu , que assim falas ?

Reg. Sou quem pôde meterte duas Pallas
Dos pés até à cabeça ,
E se agora não vás com muita preça .
Ouvirás cazos novos ,
Que do Chaõ de maçãs vem ter a Póvos ,
Couzas tamanhas , que tu sendo esperta
Hades ficar assim com a boca aberta. *Abre muito a boca.*
Olla , vai tal Discordia.

Jun. Bem te entendo ,
Fallas da maçã de ouro ?

Reg. He cazo horrendo ,
Houvirás da Discordia
Por amor desse pomõ ha tal mixordia.

Jun. Nada tens que dizerme ,
Pallas , nem Venus poderãõ vencerme.

Reg. Sua paternidade
Não se deiche levar dessa vaidade ,
Metamos-lhe esta peta , *à parte.*
Pallas he forte , e Pallas he discreta ,
Venus tem defensores ,
E he Deoza que triunfa por amores ,
E tendo-me ao seu lado
Tudo chega a vencer.

Jun. Quem es ? coitado ,
Deves ser algum louco ?

Reg. Não me vá descompondo pouco a pouco ,
Porque meu tio Jove ,
Que em Setubal os Ceos , e a terra move ,
Esgrimindo hum torrefmo
Aqui fará tambem succeda o mesmo.

Drama intitulado

4

Jun. Como he Jove teu tio
Sendo elle meu irmão? que desvario?
O pobre, vil, e humano,
Como presume unirse ao soberano?
O barro vil grosseiro
Acazo pôde unirse ao ser primeiro?
Não sabes, que sem elle
Quiz ver a Jove magestoso, e nelle
Achou sua ruina
Entre esplendores? Se acabou Egina
Em pelagos de fogo, em ondas de ira. . . .

Reg. Agua vai, agua vai com tal mentira,
Essas Ninfas morrerão,
Porque assim o quizeraõ,
Se comigo falassem,
Eu lhe diria, que a cioza Juno
As queria matar; meu pai Neptuno
Lhe daria huma untura,
Deitando-lhe mais agua na fervura,
Como a que deu a Europa,
Que lhe deixou enfopada a pelle, e a roupa
Sendo a morte baldada.

Jun. Es filho de Neptuno?

Reg. Quando nada!
É Thetis minha prima
De houvirte, quando nada se lastima;
Vendo, que fallas no ar sobre o tal pomo;
Devéras não sei como,
Se no pomo se toca
Ficará? ficará com a agua na boca.

Jun. Como assim mentirozo
Te atreves a falar da Estirpe minha?

Reg. Porque não me cahio a campainha,
É porque me he forçoço
Meterte à cara Pallas,
Quando tu mui vaidosa assim me falas.

Jun. Quem es tu mentecapto?

Reg. Sou quem te mete a pedra no sapato;
Que hades dar hum estouro;
Vendo que ha de ser de outra a maçã de ouro.

Jun.

O Certamen das tres Deozas.

5

Jun. Paris hade julgala a meu disvelo.

Reg. Paris hade meterte em hum chichelo,

Que para rabiaries,

Todo por Pallas se hade romper Paris;

Senhora, o pomo de ouro,

Vosso não pôde fer, este thezouro

Para essa alma ambicioza

Não pôde fer: será da mais fermoza.

Jun. E quem mais gentil que eu?

Reg. Isso he vaidade.

Jun. Que Deoza ha mais gentil?

Reg. Isso he loucura,

Eu conheço huma certa Divindade;

Que não faz cazo dessa formozura.

Jun. Já sei infiel, que falas

Da belleza de Venus, e de Pallas:

Para ti pidirei ao Ceo castigo.

Reg. Jove he meu tio, e Paris meu amigo;

E hum amigo, e hum parente,

Se he Rei, e Juiz faz quanto quer a gente.

Jun. Que hum pobre pescador tenha tal brio?

Reg. Se he Neptuno meu pai, Jove meu tio,

E Paris meu amigo,

Tudo pelo meu voto está julgado.

Paris amigo velho;

Houve-me sempre, e toma o meu conselho.

Quero ver se esta larga alguma china.

Jun. Quero logralo a ver se se me inclina.

Já sei que es estimado.

Reg. Sou filho de Neptuno o mais amado.

E servirvos senhora he meu dezejo.

Jun. Serei agradecida a tal cortejo.

Reg. Empenhado me vedes,

Eu deicharei por vós barcos, e redes.

Ella está bem lograda.

Jun. Elle fica logrado quando nada.

E pois he tempo opportuno,

Dizei que he mais fermoza a Deoza Juno.

à parte.

à parte.

à parte.

à parte.

C O R O.

Turbido arroyo,
Que vás correndo,
Em ti estou vendo
Todo o meu mal.

Ao mar te entregas
Incautamente,
E na corrente
Mais prezo vás.

S C E N A II.

Pallas, e Regozijo.

Reg. **E** Sta vai bem convidada;
He para ver a bogia
Tendo huma cara de mona,
Se quer ser a mais bonita?
Ella vai com a grella n'alma,
Barregando-lhe nas tripas
A ambição mais furioza,
Sobre a laveja mais ferina
Vai como tres com hum sapato,
A palla ficou metida,
Se ella a comer, que lhe preste,
Se ella a vomitar, que a finta;
Mas lá vem outra cachopa,
Quero ver se a rapariga
Tambem quer do pomo d'ouro
As suas quatro lasquinhas.

Sabe Pallas.

Pal. Barbara cruel Discordia,
Que introduzir solocita;
Por hum pomo em todo o mundo,
A lamentavel ruina!

Reg. Saberás que o pomo foise.

Pal. Quem te deu essa noticia.

Reg. Huma rapariga cega.

Pal. Quem?

Reg. A cega rapariga,

Que

O Certamen das tres Deozas.

7

Que o comeu de hum só bocado
Por delectavel à vista.

Pal. Que pomo?

Reg. Esse da Discordia.

Pal. Quem te informou dessa dita

Que para mim te prepara?

Reg. Já lá vai essa delicia,
Pois Juno de mim te vale,
Para que eu a Paris diga,
Que dê por ella a sentença;
E porque tivesse à vista
Sempre a maior fermozura
Em seu retrato, huma mina
De perolas, e de agrados
Me deu, dizendo, ahi te fica
O memorial primeiro,
Com que meu amor te brinda:
A'vista disto, empenhado
Me vejo para servila.

Verei te esta pelo ciume
Se coça, e me larga a china.

Pal. Por essa Deoza te empenhas?

Deichas a protecção minha!

Tu não sabes que sou Pallas?

Reg. Já de Pallas não precisa,
Quem como eu calça mais alto.

Pal. Tu não vês, que eu posso ainda

Enriquecerte de sciencias,
E adornarte de noticias.

Reg. Arengas, e palanfrorios

Isso não enche barriga:
Paris he meu amigo velho,
Brincámos nesse monte Ida,
Elle trazia-me às costas,
Eu levava-o às cabritas:
Faz tudo quanto lhe peço.

Pal. Já que tens essa valia,
Espero por mim te empenhes.

Reg. Se deres luvas a pares,
A sentença vai na fissa.

à parte.

O que

O que não pesca ao candeio
De noute, peixe não pilha.

Pal. Es hum barbaro ignorante,
Que infamas nescio a Justiça.

Reg. Pois saiba senhora sabia,
Já que he mizera, e mesquinha,
Que heide empenharme por Juno,
E por você huma figa.

Pal. Vaite da minha presença.

Reg. Vaite com trinta mil pipas.

Pal. Verás que ao poder de Pallas
Ninguem ha que lhe rezista.

Reg. Verás que ao poder de Juno
Daõ acosta as Pallas na India.

Vaife.

Pal. Que sofra hum nescio arrogante?

Como o meu braço não vinga

Os defacertos de hum louco?

Mas de hum nescio quem se fia?

Póde ser, que Paris o ouça,

Póde ser, que Juno o ademita,

Que fale, e seja atendido,

Que ha gente, que enfeitica

Com as vozes chacorreiras,

Mas erra quem imagina,

Que hum sabio renda o discurso

A' ignorancia conhecida.

Alma que busca
O mal presente,
Sofre, e não sente
O mal maior.

O nescio ingrato,
Que infeliz padece,
Nunca conhece
O que he melhor.

Vaife.

S C E N A III.

Paris, e Venus vestidos de pastores.

Ven. **E**Spera discreto Paris,
Não fujas de mim, não queiras
Abater com o teu repudio
O dominio da beleza.

Par.

Par. Quem es gallarda pastora,
Que me buscas? como esperas
Ser remora de meus passos,
Com tuas vozes taõ meigas,
Se com ellas mais me incitas,
A fugir onde me leva
O coração, que ferido. . . .

Ven. Está da vista de Elena,
Tudo sei, mas se te bulco
Sómente he para que atendas,
Naõ aos requebros dos rogos,
Sim ao motivo das queixas.

Par. Quem es pastora?

Ven. Sou Venus.

Par. Tu nesse trage? que intentas
Disfarçarte?

Ven. Antes pertendo
Mostrar nelle a singeleza:
Sem mais alinhio te busco;
Porque sem adorno vejas,
Que faõ pompozos enfeites
Afectações indiscretas.

Par. Mas quem taõ bem se disfarça
A simulação affecta.

Ven. Antes a indecencia mostra,
Sem mais alinhio a belleza:
Saberás que a Deoza Juno,
Apostando competencias
Comigo, e tambem com Pallas,
Sobre a maior gẽtileza,
Para o pomo da Discordia
O feu poder intereça:
Tu por decreto de Jove
He que hades dar a sentença:
Que hade vencerme publica,
Que hade obrigarte protesta,
Vê que he justa a minha cauza,
Vê que he nefcia a tua teima,
E onde falta a fermozura,
Quer que supra a omnipotencia.

Par. Quanto cega huma vaidade?

Quanto huma Discórdia cega?

Ven. Tambem quer a Deoza Pallas

Gozar do pomo a riqueza,

Naõ por ser a mais fermoza,

Mas por ser a mais discreta;

Tu que es reto, e inflexivel,

Naõ haverá quem te vença,

Senaõ só a mais fermoza,

Que se admirar entre as Deozas;

(Que dê Elena fora o pomo,

Senaõ cahira na meza

Do Olimpo entre as Divindades,

E se a Jove naõ dissera,

Que entre ellas se decidisse,

Pois tinha cahido entre ellas,

Que da tua Elena fora

A ser humana a contenda.)

Repara na fermozura,

Porque hades dar a sentença,

Se se iuclinarem teus olhos

Para os meus, quero que atendas,

Que elles em si retrataraõ

A tua fermoza Elena,

Quando a viraõ tantas vezes,

Taõ engraçada, e taõ bella,

Que ha de ser pasmo de Troia,

Sendo o encanto da Grecia;

Ouve a Juno, escuta a Pallas,

Vê a Venus, e a qual dellas

Deves entregar o pomo

Detremina, e sentença.

Se está rubicunda

A candida roza,

A cor mais fermoza

Meu sangue lhe dá.

Quem dá vida às flores

Com a propria vida,

Se bem parecida

Mais bella ferá.

Vai-se, e Venus.

SCENA IV.

Juno, Pallas, e Regozijo.

Jun. S Entencêa, e determina
A quem o pomo se deve,
Porém sabe que eu sou Juno,
A mais poderosa Deoza,
Que tendo imperio nos ares,
Domina os reinos da terra:
Já das nupcias mais ditozas,
Já das magnificas mezas,
Já de thezouros immensos,
Serás senhor, se contemplas
A justiça que me ampara,
A fortuna que te espera;
Repara bem neste adorno,
Que para a maior belleza
Se faz mais recomendavel
A maior magnificencia.

Par. Balta Juno, mal discorres;
Sobornando-me com peitas,
Que hum Juiz indifferente
Não olha para riquezas:
Se tanta justiça mostras,
Mal com tanto adorno a enfeitas.

Pal. De nada valem adornos,
Onde mais discorre a idéa,
Que o sabio por ser mais livre,
Sempre os thezouros despreza;
Huma rara fermozura,
Adornada de sciencias,
Vence a mais de mil imperios;
Se outras tantas almas leva:
Tu que es sabio, e bem conheces
A força de huma alma bella,
Sei que hades ser empenhado
Pelas perfeições discretas,
Pois a fermozura d'alma

Faz mais sublime a belleza.

Par. Basta Pallas, não discorras,
 Pois muito menos acertas,
 Adornando a fermozura
 De hiperbolicos emblemas,
 De rhetoricos conceitos,
 De figuras com que affectas,
 Que huma belleza affectada
 Se desfigura a si mesma,
 E hum Juiz indifferente,
 Unicamente se empenha
 Em mostrar, que he a justiça,
 Sobre toda a dependencia
 A mais constante vontade,
 Não a vontade mais cega.

Jun. O respeito vence tudo.

Pal. Tudo póde a intelligencia.

Par. Nada vence a hum Juiz recto,
 Mais que a razão verdadeira;
 Que se entregue à mais fermoza
 O pomo, dizia a letra?
 Pois entre as Deozas he Venus
 Quem vos excede em belleza.

Jun. Que agravo!

Pal. Que dezacordo!

As duas. Que eu sofra esta competencia?

Jun. Se por Venus te apaichonas.

Pal. Se por Venus te intereças.

Jun. Eu hirei queixarme a Jove,
 De tão injusta sentença.

Pal. Eu hirei pedir a Marte,
 Que te destrúa na guerra.

Par. A minha verdade he clara,
 A vossa paixão he teima.

Jun. Verás de Elena os estragos
 Entre as vinganças da Grecia,
 E o teu maior precipicio
 Na sua maior fineza.

Pal. Eu do Paludio de Troia
 Retirarei a presença,

Nunca mais a minha imagem,
Propicia aos Troianos seja,
Para o Ceo outra vez suba,
Pois do mesmo Ceo descera.

Jun. Eu de Sinon nos enganos
Disporei as armas Gregas,
Fazendo escalar os muros
Com fantasticas idéas,
Que ao presagio de Cassandra
Nem se aprove, nem se atenda.

Par. Não me affustaõ vãos discursos;
Nem ameaças funestas,
Julgando o que for justiça;
Tenho o Ceo que me defenda.

Jun. Em chamma activa
Arda teu peito,
Em ais desfeito
Até espirar.

Par. Não se cativa
Hum peito nobre;
Se mais se encobre
O suspirar.

Pal. Em fragua viva
Acabe em ancias;
Entre inconstancias
Sem respirar.

Jun. Quando espiro;
Pal. Quando respiro;
Par. Quando suspiro;
Tod. Ao premio aspiro,
Que heide lograr. *Vaõ se.*

P A R T E II.

S C E N A I.

Sabe Regozijo com hum espelho na maõ.

Reg. **L** Ogrou-me a Deoza Juno
Por muito bom feitio?
Com mimos, e promeças,
Nem por peça me deu se quer hum chico.
Eu lhe fiz a farçola,
De voengos, e conquibus,
Senaõ pegar a labia
Ficarei *sicut erat in principio.*

Se a maçã de ouro pesco,
 Muito bom peixe pilho:
 Ficarei muito alegre,
 Que até se faz gentil todo o que he rico.
 Quero verme a este espelho
 Só por meu regozijo, *Ve-se ao espelho.*
 Não fou feio de todo?
 Se eu me lavara inda era mais bonito
 A téssta he maça testta,
 As orelhas são huns brincos,
 A barba tudo encova,
 E o nariz isso agora he mais comprido;
 Pelas maçãs do rosto
 Me dizem que sou liúdo,
 Pela boca pequena,
 Dos olhos meus se falla a olhos vistos:
 Vá Juno catar monos,
 Pallas pentear bogios,
 Que Paris em me vendo,
 A mim me dá o pomo, e aos mais dois trincos.

S C E N A II.

Juno, e Regozijo.

Jun. **T**U que em tudo te metes,
 Quem es?

Reg. Já tenho dito,
 Sou filho de Neptuno.

Jun. Sem duvida pareces mui bom filho?
 Tornarei a logralo.

Reg. Senhora, não confinto
 Lograções de contido,
 Joias, e agrados só de prometido.

Jun. Em que sitio nascestes?

Reg. Em mim não achas sitio.

Jun. E tua mãe quem era?

Reg. Nasci sem mãe: meu pai me contava isso,
 Disse que nasceu Pallas
 Do casco de meu tio,

à parte.

E de dois pais irmãos
Sabio Baco da côcha, eu do toutiço.

Jun. Como te chamaõ?

Reg. Como

Querem muitos vizinhos.

Jun. Nescio, e indigno, affirm me falas?

Reg. Eisahi me chamafte nescio indigno.

Jun. Differas-me o teu nome.

Reg. Ainda o não tens houvido.

Jun. Ainda não mo disseste.

Reg. Nunca houviste fallar de Regozijo?

Jun. A quem fala de escarneo,

Como tu inimigo,

Mui bem te regozija,

Quando xê feu intento conseguido.

Por Venus te empenhaste,

Com Paris teu amigo,

E ella gozou o premio,

Que à minha magestade era devido.

Entendi que por Pallas

Te intereçavas, impio,

Mentiste-me, e voltafte

Para a filha do mar o teu arbitrio,

Logreite em quanto pude

Soffrer os teus delirios.

Reg. E eu na mesma moeda

Te paguei quanto pude.

Jun. E soffro eu isto?

Reg. Ah Deoza vagabunda,

Adela de maridos,

Se corres por hum pomo,

Tens de Colares de maçãs hum rio.

Venus do mar he filha,

Eu tambem sou do mar filho,

Como da propria caza

Tiraria o thezouro, he crível isto?

S C E N A III.

Pallas , Regozijo , e Juno.

Pal. **H**E crível isso ingrato?
 He Ambeciozo , faminto ,
 Que por não darte joias ,
 De Venus procuraste o vil partido ?
 Nem o poder de Juno ,
 Nem de Pallas o juizo ,
 Só este amor de Venus
 Te deixou prezo , e a Paris suprendido.
 Quem es que tanto podes ,
 Com esse juizinho ?

Jun. He outro tal como elle ,
 He filho de Neptuno.

Pal. He hum casquilho.

Jun. Que por ti se empenhava
 Me disse , profêrindo ,
 Que era amigo de Paris ,
 E por Pallas faria os bons officios.

Pal. Que por ti se empenhava
 Te protestou o indigno ,
 Dizendo o premiaſte
 Com joias , agrados , dadivas , e mimos.

Reg. Pois Paris deu sentença ,
 Sem eu nella ser houvido !

Ambas. Sim , faça-se de novas ,
 Por Venus se empenhou.

Reg. Ah quem soffra isso ?

Jun. Assim julgou o ingrato
 Paris nosso inimigo ?

Reg. Se o voto deu por Venus.

Ambos. Já ſei infiel , que tu ſoſte pedirſinho.

Reg. Pois porque ſe conheça ,
 Que he fabula , vos digo ,
 Que eu farei que eſte pomo
 Seja a Venus vedado , e tenho dito ,
 Outro ha de ſer o objecto ,

Zombando.
Irada.

Para melhor destino
O pomo está guardado
Da mão de Jove no supremo Olimpo.

Jun. Já tenho percebido,
Que intentas dalo a Venus.

Reg. A Venus, huma bala, se a marimbo.

Pal. Ella he mui carinhoza?

Jun. Tu es desvanecido ;
Fostes dizer a Paris,
Que era a Deoza mais beja que tens visto.

Reg. Seja assim, ou não seja,
Da sentença duvido,
Eu voulhe pôr embargos,
E hade o senhor Juiz verse comigo.

Pal. Logo por quem te empenhas?

Reg. Pelo rosto mais lindo,
Que se vio neste espelho.

Mostra-lhe hum espelho, que tem na mão.

Pal. Juno) pelo que vejo isto he comigo.

Jun. Palas) Oh se fosse devéras.

Reg. Eu nem zombando minto,
Olhem para esta?
Póde-se comparar alguém comigo?

Vendo-se.

Jun. Já vejo que es hum nescio,
Deixo-te, pois adevirto,
Que es hum vil mentecapto.

Pal. Porque es louco por isso não me vingo.

Vai-se.

Vai-se.

Reg. As duas vão ardendo,
Pelo que tenho visto,
Se o caraõ mais fermoço
Levar o pomo, leva-o Regozijo.

Tendo o espelho na mão, e vendo-se:

Cara minha, minha cara,
Duas caras não são minhas,
Cá esta me faz carinhas,
Vejaõ bem o seu caraõ.

Drama intitulado

Oh que cara sem vergonha,
 Isto lá he carantonha,
 Isto cá boa feição.
 Esta barba babadoura,
 Este nariz nariguete,
 Estes olhos de piquete,
 Esta tésta muito tésta,
 Não ha cara como esta,
 Sim, he cara sem senaõ.

S C E N A IV,

Bosque , e marinha de Venus na sua concha magnificamente vestida , acompanhada de Sereas , Paris vestido de pescador.

Par. **N**Aõ me interneças mais doce memoria,
 Na lembrança do bem que adoro auzente,
 Que he fantaltica a dita , he vã a gloria,
 Se me falta o prazer do bem presente.
 Cresce a faudade, a dita he tranzitoria.
 Se quanto a idéa finge, huma alma sente,
 A que sustos se oppoem, e se condemna,
 Paris não vendo a sua amada Elena.

Eu a vi huma vez, oh quem não vira
 Seus engraçados olhos tão inquietos,
 Dentro d'alma hum bolicio não sentira,
 Que intentava romper em mil affectos.
 Com alvoroço incauto não seguira
 Doces ponderações, altos projectos;
 Mas he justo por ter d'amante palma,
 Que eu leve os olhos que me roubaõ alma.

A Deoza mais bella	Será destruida
Será preferida,	Do vosso poder.
A féra Discordia	

Sabe Venus da concha , e diz :

Ven. Paris, discreto Paris,
 Unica gloria minha, unico abrigo,

As Deozas contra mim em teu castigo
 Se empenhão ; foge do Ida ,
 Defenderei em Troia a tua vida ,
 Lá gozarás favores
 De Elená, lá a Deoza dos amores
 Ampararte promete,
 Recata-te, que Pirro, e Filotete
 Contra ti se conjurem,
 Quando a morte de Aquiles vingar jurem,
 Juno a Jove dispoem, Palas a Marte,
 Mas para defenderte em toda a parte
 Acharás sempre Venus ao teu lado.
 Saberá que esse pomo inda vedado
 Se esconde, e não se entrega,
 Se se manda entregar à mais fermoza,
 Cuido que se me nega,
 Sinto me recioza,
 De que Jove o retem, Marte o retira,
 Tanto póde de Juno, e Pallas a ira.

Par. Descança já, descança,
 A Discórdia acabou às mãos de Jove,
 Satisfeita a esperança,
 Cedo verás por quem o Olimpo move;
 Dispuz que em teu obzequio as Ninfas bellas
 Fabricassem capellas,
 Em final da victória,
 Que hoje faz mais sublime a tua gloria:
 Sobre os altares do Ida
 Tu serás preferida,
 Dos homens adorada;
 De flores pelas Ninfas coroada.

A prenda amada,
 Que n'alma oculo,
 He quem consulto
 Para triunfar.

Ven. A prenda amada
 Para o teu peito,
 Todo o respeito
 Hade inclinar.

Par.) Oh feliz) Venus
Ven.) Paris,
 Com essa prenda
 Bem he se prenda
 Quem sabe amar.

Vaise Venus.

Par. Vós bellas Ninfas dos botques,
 Vós engraçadas Nepéas,
 Colhei flores nestes prados,
 E entre suaves cadencias,
 Heide tecer duas flores,
 A grinalda para a Deoza,
 A quem o merecimento
 Leva hoje a maior esféra,
 E para tanto triumpho,
 A alegria tanta seja,
 Que imprimaõ os vossos eccos;
 O jubilo até nas penhas.

Em ora alegre;
 E peregrina,
 Venus divina
 Venha triumphar.

Se tudo vence
 A que he mais linda,
 Seja vem vinda
 Para triumphar.

S C E N A V.

Regozijo, Paris, Juno, e Pallas.

Pal. **Q**ue simples eccos saõ estes?

Jun. **Q**ue incautas vozes saõ estas?

Pal. Vós articulando injurias.

Jun. Vós pronunciando offenças.

Pal. Contra Pallas?

Jun. Contra Juno?

Reg. Isto he couza que se creia?

Suspendei essa algazarra,

Aqui pario a galega?

Que faz aqui tanta gente?

Jun. Ainda he pouca, se dezejas

Aplaudir mais o triumpho,

E a sobornada sentença

Do pomo de ouro.

Reg. Que he isso?

Soborno? que historia he essa?

Temos alguma trapaça,

Eu apelo desta arenga.

Par.

Par. Está mui bem sentenciado.

Reg. E por quem?

Pal. Por essa Deoza,

Que diz fer filha das aguas.

Reg. Se fora filha das ervas

Naõ teria hum só parente,

Que chegasse a defendela,

Mas eu da sentença apelo,

Pois ha quem mais a mereça.

Jun. Póde fer que por mim fale.

Pal. Cuido que por mim se empenha.

Reg. Senhor Juiz da coitada,

Que tem carantonha feia,

Senaõ foi citada a parte

He nulo o que se processa;

E como citou as caras,

Das mais bellas, das mais feias,

E deixou de fóra a minha,

Tendo parte na bezerra,

Tudo he nullo.

Par. Está julgado.

Reg. Reforme a sua sentença.

Par. O que está dito está dito.

Reg. Desdiga-se dessa asneira,

Com Deozas tenho falado,

E conheço quem he dellas

A mais digna.....

Jun.) De mim falla.

Pal.)

Reg. E a maior.

Jun.) Por mim se empenha.

Pal.)

Reg. Com que, meu amigo Paris,

Naõ fejas juiz da aldeia,

Primeiro sabei pois ju'go,

Que estais leigo na materia,

Que a deidade em que vos falo

Ainda he de mais alta esféra.

Jun.) Quem póde ser senaõ eu.

Pal.)

Reg. Mais deidades ha na terra.

à parte.

à parte.

à parte.

à parte.

Sabe Venus , depois Applauzo.

Ven. **S**uspendei vossa loucura ,
 Atalhai as vozes nescias ,
 Com que ferís estes bosques ,
 Que são capazes as pedras
 De repetir minhas glorias ,
 E calar vossas offenças ;
 Que era a mais fermoza Venus
 Cantaraõ as Ninfas bellas
 Neste bosque , e os seus clamores
 Hiaõ repetindo as penhas ,
 Que até o incensível fente ,
 O culto que se me nega .

Appl. Suspendei vossa porfia ,
 Que se Paris deu sentença
 Por Venus , he que ignorava
 Quem a excede em belleza ,
 A Deoza que vos proponho
 Mais poder que Juno encerra ,
 Maior agrado que Venus ,
 E que Pallas mais prudencia ,
 E he quem conta pelos annos
 As innumeraveis prendas ,
 E as mais altas virtudes
 Pelos seus annos numéra .

As tres. Quem ha que possa excederme .

Appl. Quem ? neste soneto o observa .

He quem conheço ser mais linda , e bella ,
 Quem Venus por fermoza hoje , e entendida ,
 Entregando-lhe nas mãos como rendida ,
 A graça que até aqui se via nella .
 He quem na descripção he nobre estrella ,
 E que Pallas na idéa mais sobida ,
 A constancia que a Juno he só devida ,
 Cedese voluntaria hoje nella .

O Certamen das tres Deozas.

23

Cesse o nome das tres, e cesse a fama,
Pois merece esta só fer divindade,
Porque unica em tudo o mundo a aclama.
Da contenda se acabe a gravidade,
Dêse a essa que gentil por nós se chama,
Sem já mais se louvar outra Deidade.

Reg. E que diz agora àquillo,
Senhor Juiz da vintena.

Todos. Digna he de occupar lugar
No sacro Olimpo, onde as Deozas
Gozem no feu mando grave
A fugeição sem violencia.

Appl. E as Ninfas todas tragaõ
De flores suas offerendas.

Esta grinalda
Para a mais digna,
A mais benigna
Hade adornar.

Em todo o anno
Farei capellas,
De flores bellas
Para a coroar.

F I M.

L I S B O A,

NA OFFICINA DE ANTONIO VICENTE DA SILVA.

Anno 1771.

Com licença da Real Meza Censoria.

